

ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA ACERCA DA FORMAÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

*Eliziane Gava*¹

Resumo: Na memória social, a Internacional Comunista (1919-1943) vem associada com a tradição das internacionais dos trabalhadores, sob a semente da Liga dos Comunistas (1847-1852) de Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895), e posteriormente, com a consolidação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), primeira organização de trabalhadores com intuito de ser mundial, que ficou conhecida como I Internacional (1864-1876). Em uma construção linear, é associada à criação da II Internacional (1889-1914) e assim, intitulada de III Internacional. Contudo, na bibliografia especializada é possível percebê-la como um movimento muito mais complexo e dialético, da mesma maneira que o movimento dos trabalhadores internacionais em geral, entre fraturas e combinações, sejam elas teóricas ou/e práticas. Na tentativa de defini-la, as correntes historiográficas cunharam outros termos, como Comintern ou seu acrônimo russo Komintern, mais especificadamente remetidos ao órgão internacional surgido na Rússia com a Revolução de Outubro. Nesse sentido, surgiram diversas vertentes historiográficas, ao longo do século XX e XXI, preocupadas com a sua definição e formação, desde o debate dentro do marxismo com os velhos bolcheviques, os mencheviques, a social-democracia até o debate anticomunista do ocidente, intensificado com o revisionismo historiográfico a partir da década de 1960, com os movimentos de desestalinização, pós-modernos e neoliberais. Entendê-las se torna pertinente para localizar seus usos econômicos e conseqüentemente, políticos e culturais, em que a disputa pela memória social se dá no campo material, a partir do cabedal conceitual e metodológico da história econômica. Abre-se um campo frutífero de pesquisa para o entendimento da formação desta internacional, por meio dos embates travados em torno da deflagração da Primeira Guerra Mundial e dessa forma, das campanhas anti-imperialistas e antiguerra de alguns setores internacionalistas, já nos congressos da II Internacional. De forma a se intensificar com a constituição de uma oposição, dada a aprovação dos créditos de guerra pela social-democracia alemã, alas majoritárias na II Internacional e posteriormente, com a ruptura com esta “velha” internacional dos trabalhadores e o surgimento de outra: a comunista. Chamados depois de maximalistas, estes setores serão o fator catalizador das mobilizações contra a guerra dentro de uma história transnacional, cruzada e comparada das relações entre a Rússia e as demais seções nos países da internacional, com pautas que compreendiam o anticolonial, a libertação nacional, o antifascismo e a questão de gênero e racial.

Palavras-chave: Internacional Comunista; Historiografia; Primeira Guerra Mundial.

¹ Doutoranda em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Mestra em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Introdução

Como uma organização de expressivo impacto na história contemporânea do século XX e no século XXI, a Internacional Comunista (IC) agregou seções ao redor do mundo com objetivo de tomada do poder político e consequentemente, econômico por parte dos trabalhadores, a fim de implantar o comunismo e por consequência, o socialismo. Dado sua função de mudança estrutural na sociedade, a escrita sobre sua história e por conseguinte, a legitimação de uma memória passou a integrar as disputas geopolíticas. Conhecida também como Terceira Internacional, tradicionalmente pensada como continuação de um movimento internacional dos trabalhadores surgido no século XIX com Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895) sob a semente da Liga dos Comunistas (1847-1852) e depois Associação Internacional do Trabalhadores (AIT), com a denominação de Primeira Internacional.

Nessa memória linear, estabelecida no senso comum e divulgada nos dicionários devido ao seu caráter sistematizador,² o movimento é dividido inicialmente em períodos subsequentes: a Primeira Internacional (1864-1876), a Segunda Internacional (1889-1914), a Terceira Internacional (1919-1943) e a Quarta Internacional (1938-atual). Entretanto, para uma visão mais aprofundada é visível uma dinâmica de fraturas teóricas e práticas, dissidências e reconfiguração de novos grupos dentro desta periodização, até a formação da diversidade de grupos que configuram o movimento internacional dos trabalhadores atualmente.

A *Comintern*, ou seu acrônimo russo *Komintern* como também é conhecida a IC, herdou das demais internacionais a estrutura organizativa através de congressos. Eles compunham o órgão máximo deliberativo com a participação de delegados dos movimentos e partidos de diversos países, onde se definia as ações para a construção internacional do movimento. Derivada da Revolução Russa, a Internacional comunista foi fundada por iniciativas dos bolcheviques e teve a realização de sete congressos até ser extinta em 1943, respectivamente em: 1919, 1920, 1921, 1922, 1924, 1928 e 1935.

O primeiro congresso em 1919 e a sequência deles é conhecida pela memória tradicional sobre o assunto,³ através da escolha de algumas pautas que acabaram sendo marcantes. O primeiro definido como o marco fundador, o segundo como a definição das condições de filiação, terceiro como definição das frentes únicas com outros movimentos de trabalhadores, o quarto como tentativa de colocá-las em prática, o quinto ao encarar a social-democracia como espécie de social-fascismo, o sexto como bolchevização dos partidos ou o chamado terceiro período e o sétimo com a tática da frente popular com múltiplas alianças. Essa sistematização, necessária para o entendimento da totalidade do movimento, acaba por, como é o caso da sistematização sobre a história da Internacional dos Trabalhadores

2 AGOSTI, Aldo. Internacionalismo. In: *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1p. 642–648; JOHNSTONE, Monty. Internacionais. In: BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. p. 311–316.

3 Ibid.

como um todo, não mostrar toda a complexidade, dinamicidade e organicidade de maneira dialética. As variações de cada congresso podem ser percebidas de acordo com as mudanças na estrutura socioeconômica-cultural que as geram, principalmente no que diz respeito às mudanças táticas de aproximações e de distanciamentos da social-democracia.

Para um olhar mais apurado da literatura especializada sobre o tema,⁴ ela é, em certa medida, uma fratura da Segunda Internacional, a separação da social-democracia e de sua teoria marxista voltada mais para um caráter associativo de questões trabalhistas, que compunha esse movimento até então. A ala opositora antiguerra, na qual os bolcheviques faziam parte juntamente com os resistentes alemães e a Federação Balcânica de julho de 1915,⁵ teria rompido com a II Internacional quando não concordou com o apoio dado à participação das nacionalidades na Primeira Guerra Mundial em nome da pátria e da paz civil; principalmente, a partir da aprovação dos créditos de guerra no dia 04 de agosto de 1914 pelos parlamentares sócio democratas alemães, os quais compunham fortemente a II Internacional. Formou-se a Esquerda de Zimmerwald em 1915 e sobretudo, a de Kiental em 1916, quando a Segunda Internacional foi dissolvida e manteve-se formalmente como Internacional de Berna.

Os bolcheviques, enquanto corrente maximalista, levantaram o lema “Guerra à Guerra”, no sentido de “transformar a guerra imperialista em guerra civil revolucionária”⁶ e trilharam um caminho de retirada da Rússia da Primeira Guerra Mundial, oficializada em 1918, como também, trouxeram para o debate da práxis, o problema para a tomada do poder dos capitalistas e a construção do socialismo. Os olhos dos movimentos comunistas pelo mundo se voltavam para a experiência russa e a necessidade de que a revolução se tornasse mundial tornou-se urgente, para a própria garantia da revolução na Rússia.

As formulações de uma teoria e práxis de tomada do poder pelos trabalhadores internacionais, diante da configuração de uma guerra mundial, já estavam presentes desde os Congressos da II Internacional, em Stuttgart em 1907, em Copenhague em 1910 e na Basileia em 1912. Lenin, por sua vez, mostrava esforços declarados desde o rompimento definitivo com a II Internacional, em 1914, em organizar uma nova Internacional.⁷ As ebulições

4 HOBBSAWM, E. Apresentação. In: HOBBSAWM, E. (Ed.). *História do marxismo V: o marxismo na época da Terceira Internacional – a revolução de outubro o austromarxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. v. Vp. 15–23; BROUÉ, P. *História da Internacional Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007.

5 Bolcheviques russos na figura de Lenin, Zinoviev, Kamenev, Trotsky, e Bukárin. Resistentes alemães Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, August Thalheimer, Paul Levi e Karl Radek. Federação Balcânica de julho de 1915: mobilizados por Rakovsky, com manifesto exigindo fim da guerra e diversos outros pontos de apoio articulados pela Europa, como nos aponta Broué (Op., cit, p. 15-41).

6 AGOSTI, 1998, p. 646.

7 Dentre as ações é possível citar: publicação do livro *A falência da II Internacional* em 1915, da revista *O Precursor*, defesa da tese de abandonar Zimmerwald por ela se negar a romper com a II Internacional no Congresso do POSDR em abril de 1917, a qual foi negada. Reforça a formação de uma nova Internacional dos trabalhadores com vistas a uma revolução mundial perante a guerra nas *Teses de Abril*. Construção de uma revolução mundial a partir da revolução na Rússia: no clássico *Estado e Revolução*. Conforme: GOLIN, T. Introdução aos anais do “Partido Mundial da Revolução”. In: *III Internacional Comunista: Manifestos, teses e resoluções do 1º Congresso*. São Paulo: Brasil Debates, 1988. v. 1., p.17-20; LENINE,

antiguerra de um modo geral, contudo, juntamente com os birôs russos pós-revolução na Europa e a repatriação dos ex-prisioneiros de guerra russos que haviam se tornado comunistas, de modo específico, contribuíram para a formação de uma Internacional Comunista.⁸ Diante de tais condições históricas, a nova Internacional tinha um programa voltado para a tomada de poder, destruição do capitalismo e implantação do socialismo. A escrita sobre a sua formação, portanto, passa a ser palco de inúmeras disputas políticas, desde as leituras de dentro do marxismo e da tradição da AIT até as leituras feitas pelo Ocidente liberal.

Disputas sob o legado da Associação Internacional dos Trabalhadores e o anticomunismo

A crítica e uma espécie de revisionismo ao Leninismo e conseqüentemente aos bolcheviques, bem como, às formas adotadas para a implantação do socialismo, já existiam dentro do debate marxista durante o curso revolucionário iniciado em 1905 com a greve geral e o domingo Sangrento, e concluído em 1921 com “o fim da guerra civil, insurreição de Kronstadt e o lançamento da NEP” – Nova Política Econômica.⁹ A historiografia russa nesse período tinha uma gama de escritos em uma espécie de História do Tempo Presente. Já na década de 1920, a URSS teria criado sua própria escola soviética histórica, na figura de Pokrovskii e nos anos de 1930, na pessoa de Piontkovskii, além do rol de textos jornalísticos e memorialísticos surgidos no calor dos acontecimentos. Entretanto, os debates históricos sobre a revolução estariam relacionados a estas três arenas nos anos 1920:

1) os debates internos na URSS da NEP (Nova Política Econômica); 2) a historiografia dos emigrantes russos brancos ou mencheviques no exterior, especialmente na França e Alemanha; 3) Nos EUA e outros países ocidentais ainda predominam os escritos de caráter jornalístico, relatos de diplomatas, e polêmicas de cunho político sobre o novo regime soviético.¹⁰

É nos debates vindos dos mencheviques e da social-democracia da II Internacional, ainda em tentativas se reerguer e dos próprios velhos bolcheviques, que se identifica críticas ao Leninismo, as quais os encaravam como “aventureiros arrogantes revolucionários”.¹¹ Os velhos bolcheviques como Kamenec, Alexei Rikov e Muranov entendiam que a revolu-

V. *Obras escolhidas de Lenine*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

8 BROUÉ, op. cit., p.15-67.

9 GETZLER, I. Outubro de 1917: O debate marxista sobre a revolução na Rússia. In: HOBBSAWM, E. (Ed.). *História do Marxismo V: o marxismo na época da Terceira Internacional - a revolução de outubro o austromarxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. v. Vp. 26.

10 SEGRILLO, A. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História (PUCSP)*, v. 41, n. 41, p. 63-92, dez. 2010, p. 68.

11 GETZLER, I, op.cit., p. 25-55.

ção burguesa iniciada em 1905, com uma ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses, não havia acabado e, aspiravam boas expectativas para ocupar um terço das cadeiras nas eleições para Assembleia Constituinte, com o Partido Bolchevique assumindo o papel de forte oposição ou ainda, de partido de governo. Estes não tiveram adesão e em dezembro de 1917 foram dissolvidos do comitê central do partido.

Os bolcheviques leninistas, desde 1905, vislumbravam um Estado-comuna e se distanciavam da social-democracia encarada como social-chauvinista e reformista, fundamentalmente depois do apoio dado a entrada de seus países na guerra mundial. Diferente não foi a resposta dada aos mencheviques posteriormente, “da direita de Alexandr Potresov, do centrodireita de Pavel Axelrod, à esquerda de Juli Martov”,¹² que os acusavam de “ditadura da minoria”. A visão dos bolcheviques como uma elite de ambições pelo poder que manipulavam um exército de camponeses infieis à causa socialista, levava Martov - principal expoente menchevique – a encarar em 1921, a Rússia indo “ao encontro de sua nêtese por ter desprezado a ‘democracia burguesa’. Por recusá-la como superada no período entre 1918 e 1920, a Rússia estava fadada a cair simples e brutalmente sob ‘a ditadura de células do partido comunista’.”¹³ Foram apontados pelos bolcheviques de contrarrevolucionários.

Aqui, o problema das condições necessárias para a realização da revolução se fazia latente. No caso da social-democracia ocidental na voz de Kautsky, a Rússia economicamente atrasada não possuía uma classe trabalhadora amadurecida para realizar a revolução, e, portanto, o mais coerente seria aderir à democracia parlamentar.¹⁴ Já Otto Bauer, na voz dos austromarxistas que após a dissolução da II Internacional fundaram a Internacional de Viena e depois juntaram-se a ela novamente para fundar a Internacional de Amsterdã em 1923, criticava não só o “aventureirismo perigoso” dos bolcheviques como “o minimalismo tímido e o coalizacionismo “impossível” dos mencheviques”.¹⁵ Chamava o socialismo leninista de despótico.

A questão da democracia e do autoritarismo permeava estas críticas e posteriormente, foram também o elemento das críticas revisionistas a partir da década de 1960. Este problema também estava presente no debate marxista simpatizante da Revolução Russa, na expressão de Rosa Luxemburgo. Para ela, a ditadura do proletariado deveria significar uma “democracia mais ampla e ilimitada”¹⁶ e não a dissolução da Assembleia Constituinte

12 Ibid., p. 44.

13 Ibid., p. 55.

14 *Ditadura do Proletariado de agosto de 1918*; “Demokratie oder Diktatur, de novembro de 1918, Terrorismus und Kommunismus, de junho de 1919, para culminar com Von der Demokratie zur Staatsklaverei, de agosto de 1921” (Ibid., p. 57) Teve como respostas de Lenin, *A Revolução Proletária e o renegado Kautsky de outubro e novembro de 1918*; *Teses e Relatórios sobre a Democracia burguesa e ditadura do proletária no I Congresso da IC abril de 1919*; a resposta de Bukharin *A teoria da ditadura do proletariado em 1919*, a de Trostky em 1920 com *Terrorismo e Comunismo Resposta a Karl Kautsky* a de Karl Radek *Ditadura do Proletariado e Terrorismo* no mesmo ano.

15 Obra síntese de abril de 1920, *Boischewismus oder Sozialdemo-kratie?*. De acordo com: Ibid., p. 64.

16 Ibid., p.60-64; LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.

pelos bolcheviques, a supressão da liberdade de imprensa, do direito de associação e de reunião. Não obstante, este é um problema crucial quando se fala da única experiência de chegada ao poder, estratégias e tentativas de Revolução Mundial socialista, empreendida pelos bolcheviques. O problema da consciência de classe e da ação revolucionária se torna um ponto latente dentro das discussões historiográficas.

Lukács levantará este debate de forma sistematizada e mais amplamente conhecida no seu clássico *História e Consciência de Classes*¹⁷ em 1923, tendo como experiência sua função como comissários da cultura no governo comunista de Bela Kun na Hungria no estouro das revoluções de 1919. Irá se contrapor às críticas de Rosa Luxemburgo como a fetichização da democracia formal. E segundo Zizek,¹⁸ se tornará muito mais gramsciano no sentido de estar aberto para os aspectos conjunturais e do contingente, em que as massas tem mediadores políticos dialéticos como fatores do processo, como uma defesa do partido de vanguarda, do centralismo democrático e da ditadura do proletariado: elas podem acreditar nas mediações sociais democratas, liberais ou fascistas anticomunistas e impedirem o processo revolucionário, ou nas mediações comunistas e perceberem as forças contrarrevolucionárias. Também Gramsci, principalmente nos *Cadernos do Cárcere*¹⁹ escritos depois de sua prisão pelo já instituído regime fascista em 1926, reflete sobre estas problemáticas com sua clássica formulação sobre “a guerra de movimento e a guerra de posição”. No sentido de quais estratégias e táticas são concernentes para lidar com o anticomunismo dentro e fora da Rússia, conseqüentemente, com as ações de guerra contra a implantação do comunismo neste mesmo território e/ou em outras partes do mundo.

Já na historiografia da Revolução Russa Ocidental houve o deslocamento da problemática das táticas e estratégias da revolução mundial, bem como do problema da consciência de classe. A eclosão da Guerra Fria marcou um forte anticomunismo nos historiadores ocidentais e a influente teoria do totalitarismo, incluindo a experiência socialista Russa, ganhou hegemonia na academia ocidental. Os estudos se dividiram entre os *cold warriors* da história política e das elites, em que “a tomada do poder pelos bolcheviques era frequentemente vista como um acidente histórico ou um golpe por um pequeno bando de políticos marxistas sem enraizamento real na sociedade do país”²⁰ e o revisionismo do final dos anos de 1960. Dentro deste último faz parte a história social, como uma maneira de olhar para a Revolução Russa com uma “história vista de baixo” através de fontes não oficiais e populares. Nestas narrativas, os bolcheviques não aparecem apenas como um:

[...] bando de fanáticos marxistas que se aproveitou de circunstâncias peculiares para tomar o poder passaram a ser vistos como um partido que, de certo modo, res-

17 LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

18 ZIZEK, S. De História e Consciência de Classe a Dialética do Esclarecimento, e volta. *Lua Nova*, n. 59, p. 159–176, 2003.

19 GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

20 SEGRILLO, op. cit., p. 73.

pondia a necessidades e anseios de parcelas significativas da população (SEGRILLO, 2010, p. 75).²¹

Juntamente com a desmitificação do teor elitista da Revolução, os historiadores da história social trouxeram a argumentação de que existiam diferentes possibilidades ao longo da construção do comunismo, contra a ideia do continuísmo, caracterizada pelas especulações de que já em Lênin se encontrava elementos para o totalitarismo. Com a dissolução da URSS, a queda do muro de Berlim e abertura de arquivos russos, a História Social teria se aprofundado nos estudos regionais e sob a diversidade de fontes documentais populares. Já, o anticomunismo apareceu reafirmando alguns autores da Guerra Fria nos estudos de Richard Pipes, Robert Conquest, Martin Malia. E, a virada linguística do pós-modernismo teria trazido para a temática estudos com foco na cultura e consequentemente, na linguagem para o estudo do período revolucionário.

Na própria historiografia russa houve esse movimento para um revisionismo com as ondas de reforma da União Soviética após morte de Stalin em 1953, o degelo khrushcheviano e a perestroika soviética com o fim da URSS. Primeiro com a abertura para um estudo menos centrado nos bolcheviques e mais focado em outros partidos políticos, organizações, camponeses e soldados. Depois, na década de 1990, as críticas deixaram apenas de ser à Stalin e atingiram Lenin, ao afirmar que o germe do autoritarismo do stalinismo encontrava-se no leninismo, até a crítica atingir o socialismo como um todo. Nesse sentido, haveria três vieses que passaram a existir nas análises da historiografia Russa:

1) resgate ou absorção de conceitos e métodos ocidentais antes proibidos na URSS (em especial teorias do totalitarismo, modernização de fundo weberiano e história cultural); 2) fortalecimento da história regional; 3) a Virada Linguística e outros experimentos.²²

Em alguns casos, a problemática parece ter se deslocado do problema das formas e contradições dentro do processo revolucionário em se alcançar o socialismo, para a deslegitimação do movimento como um todo e o lançamento da democracia representativa liberal/capitalista como um horizonte no outro extremo. Pode haver um revisionismo ainda mais profundo, ligado ao conceito de liquidação da tradição revolucionária ao anatêmizar a Revolução Francesa e colocar os processos revolucionários como desvios de rota ilusórios, evolucionistas, radicais e consequentemente, violentos da humanidade.²³ Com a história política cultural, a Internacional Comunista parece ter o lugar de uma variante ilusória de

²¹ Ibid., p. 75.

²² Ibid., p. 89.

²³ MELO, D. B. *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 17-52.

busca pela Revolução Mundial, em um período, no qual a queda da União Soviética lançava um pessimismo neoliberal sobre as experiências socialistas.

No que diz respeito à historiografia russa pós-soviética sobre a *Comintern*, entretanto, é possível afirmar que, “uma das suas características continua a ser a importância dada às concepções ideológicas, ao debate de ideias e respectivos pressupostos teóricos”.²⁴ Uma dimensão essencial que no ocidente passou a ser preterida, na maioria das vezes, por “interpretações meramente instrumentais” ou pela História Social. Esta última seria, talvez, a abordagem relativamente menos desenvolvida na Rússia contemporânea em favor do novo ciclo de interesses surgidos após a sequência de abertura dos arquivos de Moscovo em 1991, que antes só eram acessíveis aos historiadores soviéticos pertencentes aos quadros do Instituto do Marxismo-Leninismo junto do Comitê Central (CC) do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Esse novo ciclo de interesses levou à realização de encontros internacionais de pesquisadores e à formação do grupo de trabalho europeu de História do *Comintern*, do Comunismo e do Estalinismo. Dentre eles, Nunes destacou a conferência internacional realizada em Moscovo em 1994,²⁵ o texto de balanço bibliográfico após a Perestroika publicado em 1996 pelo historiador social-democrata Alexandre Vatlin e suas obras posteriores,²⁶ coletâneas de ensaios documentais publicadas em 2002 que retomam temas clássicos como “o *Comintern* e a II Guerra mundial; a ideia de revolução mundial; *Comintern* e América latina; o problema do fascismo; a guerra civil de Espanha; o *Comintern* e a geopolítica dos Balcãs; a revolução chinesa; o *Comintern* e África”²⁷ e que tratam da política interna e externa da URSS na Internacional.²⁸ Também, elenca o trabalho do professor veterano na historiografia russa da IC, Kiril Chirina, *O Comintern no ano de 1933*. Assim, para o autor, a história da Internacional Comunista engloba, em síntese, a intersecção de, no mínimo, três problemáticas:

[...] a da natureza, pressupostos e mecanismos de organização do *projecto* comunista, nascido no contexto da crise da I Guerra mundial para realizar uma revolução so-

24 NUNES, J. A. *Comunismo e antifascismo*. Tese (Doutorado em História)—Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2017, p. 114.

25 Mikhail Narinsky and Jürgen Rojahn (ed.), *Centre and Periphery. The History of the Comintern in the Light of New Documents*, Amsterdam, 1996.

26 A. Ю. Ватлин, «Мировая революция и современное коминтерноведение» (Revolução mundial e investigação contemporânea sobre o Comintern), in Г. А. Бордюгова, *Исторические Исследования в России*, Moscovo 1996; Desenvolvimento de críticas a ideia de Revolução Mundial em A. Ю. Ватлин, *Коминтерн: первые десять лет* (Comintern: os primeiros dez anos), Moscovo, 1993; *Коминтерн: идея, решения, судьбы* (Comintern: ideia, decisões, destinos), Moscovo, 2009.

27 А.О. Tchubarian, *История Коммунистического Интернационала 1919-1943. Документальные Очерки* (História da Internacional Comunista 1919-1943. Ensaios documentais), Moscovo, 2002.

28 Г. Адиебеков et alii, *Политбюро ЦК РКП(б)-ВКП (б) и Коминтерн* (Politburo do CC do PC(b)R- PCUS e o Comintern), Moscovo, 2004; Г. Адиебеков et alii, *Политбюро ЦК РКП(б)-ВКП (б) и Европа. Решения «Особой Папки» 1923-1939* (Politburo do CC do PC(b)R- PCUS e a Europa. Resoluções da “pasta especial”), Moscovo 2001.

cialista mundial; a das diferenciações crescentes da estrutura de classes das sociedades capitalistas e da função dos partidos comunistas como expressão dos sectores mais explorados e radicalizados; e a da política internacional, nomeadamente em tudo o que envolvia a defesa e projecção da União Soviética, como base e único território em que a “revolução mundial” encontrara início de realização.²⁹

É neste terreno de questões que uma historiografia desvinculada de resquícios anti-comunistas estaria inserida, dentro da problemática de construção da revolução mundial, das diferenciações de classe cada vez mais latentes na estrutura social do pós-guerra e da crise revolucionária nesse período, em que cabe destacar a ascensão dos regimes nazifascista e das estratégias lançadas pelas URSS para manutenção do processo revolucionário internamente e externamente, desencadeado em outubro 1917.

O rol de problemas que se apresentam na historiografia da *Comintern* pode girar acerca da influência do Politburo e da política externa Russa nas decisões do organismo internacional e das relações entre eles, o Comitê Executivo (CEIC) e os líderes nacionais nos Partidos Comunistas (PCs), de forma a perceber os conflitos existentes dentro do CEIC, suas ambiguidades e espaços de disputas, como também, o nível de articulação da *Comintern* para o surgimento do PCs e os fluxos de transferências culturais dos entendimentos compartilhados em conjunturas diferentes.³⁰

A queda do “socialismo real”, a abertura dos arquivos russos na década de 1990 e esse novo ciclo de pesquisadores trouxe uma explosão de pesquisas na escrita da história do comunismo pelo mundo, com uma estimativa de 13000 livros e o mesmo número de artigos de revistas, uma média de 500-800 livros e 600 artigos por ano. Os países com mais produção científica seriam Rússia, Alemanha, seguidos dos Estados Unidos, Reino Unido e França. Esse panorama colocaria a temática como uma das mais importantes das ciências sociais.³¹

A pluralidade de abordagens e acessos surgidas nesse contexto podem caminhar para ampliar o horizonte de pesquisas já alargados de uma história cruzada e transnacional, em que os mecanismos de decisão são formados por um triângulo de ações: “a União Soviética de um lado, as organizações comunistas transnacionais e internacionais (o *Comintern* etc.) como instituições intermediárias, e os partidos comunistas de outro.”³² No sentido de que, a política externa da União soviética permanece em debate, porém sem silenciar a questão da repressão e do terrorismo do regime soviético, e ao mesmo tempo sem fortalecer um certo “consenso comum antitotalitário” que iguala fascismo e comunismo na

29 NUNES, op. cit., p.113.

30 VATLIN, ALEXANDER; SMITH, S. A. The Comintern. In: *The Oxford Handbook of The History of Communism*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 1–20.

31 BAYERLEIN, B. H. Arquivos do comunismo e perspectivas de pesquisa 25 anos após a “Revolução dos Arquivos”: Um balanço global. *Estudos Históricos*, v. 29, n. 59, p. 787–812, 2016, p. 803.

32 Ibid., p. 804.

tese do totalitarismo, não levando em conta as diferenças entre os vários momentos da URSS e do comunismo internacional. Quando a historiografia do comunismo, do movimento operário e da esquerda em geral lida com seus traumas, ela rememora e trabalha suas feridas para a construção futura do socialismo.

É preciso apreender os traços na formação histórica e as “complexas ligações com o movimento comunista organizado”. Conhecer “as estruturas que asseguraram sua difusão e as características do pessoal político que assumiu a tarefa de promovê-la”,³³ na sua diversidade e flexibilidade tática, ao que se chama de História Comparada entre o chamado “Estado maior”, o Partido Comunista Russo, e grupos dirigentes internacionais e nacionais, bem como os teóricos da *Comintern*. Há a necessidade de um perfil coletivo e comparado dos grupos nacionais dirigentes. Em certa medida, neste método e com essa problemática se torna possível se debruçar sobre a comparação dos grupos dos países, no contexto específico do recorte da temática. Além de levar em consideração, a outra ponta do triângulo: os grupos dirigentes internacionais.

1) os delegados do Partido Comunista Soviético nos órgãos centrais da Internacional e de suas organizações paralelas; 2) os representantes dos vários partidos comunistas nacionais nesses mesmos órgãos; 3) os responsáveis pelo aparelho internacional propriamente dito (seções de trabalho, serviços técnicos, escolas de formação de quadros, etc.).³⁴

Um dos resultados mais importantes da historiografia recente foi de fato mostrar que a história do comunismo não pode ser vista de maneira linear ou uniforme, e sim, muito mais, como uma sequência de voltas e transformações às vezes bruscas, ambivalências e duplicidades. A questão das continuidades e mudanças “dos comunismos” no século XX, a visão da transformação do internacionalismo no período bolchevique e o nacionalismo grã-russo na época de Stalin torna-se crucial para a compreensão das transformações do movimento comunista e para explicar as mudanças operacionais dentro das organizações respectivas.³⁵

Lançar a *Comintern* dentro dessa História dos Comunismos de diversas orientações teóricas e estratégias práticas, desde o bolchevismo, stalinismo, pós-stalinismos, trotskismos, maoísmo, variantes ao redor do mundo, oposições comunistas de esquerda e de direita, amplia o olhar sobre o movimento, suas transformações e contradições. O torna mais orgânico e dialético. Trata-se assumir o materialismo histórico como uma forma de olhar o objeto de pesquisa que estuda sua própria história. “Nessa dimensão, a conexão com o pro-

33 AGOSTI, A. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. In: HOBSBAWM, E. (Ed.). *História do Marxismo VI: Marxismo na época da Terceira Internacional – A Internacional Comunista de 1919 – As Frentes populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985a. v. VI. p. 99-168., p. 100.

34 Ibid., p. 118.

35 BAYERLEIN, op., cit., p. 806.

blema da teoria e prática de uma revolução internacional é capital.”³⁶ Teoria e prática, sem perder de vista o horizonte da Revolução Mundial e de toda a profusão de debates, táticas e experimentações surgidos durante os congressos, que vão desde o anti-imperialismo e do movimento antiguerra, até o anticolonialismo, a inserção das mulheres, dos negros e o antifascismo.

Como exemplo destes pressupostos, na América Latina, o recente livro publicado pela Ariadna Ediciones em 2020, o pesquisador argentino Daniel Gaido juntamente com Manuel Quiroga e Velia Luparello traz uma série de ensaios produzidos pelos integrantes do Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad (CIECS), organismo dependente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) da Universidad Nacional de Córdoba. Nele é possível encontrar um capítulo acerca da emancipação das mulheres e da liberação homossexual durante a III Internacional. Também, a Coletânea *Comintern Publishing Project* dirigida por Jonh Riddell na *New York-based Pathfinder Press* iniciada em 1983, sobre os Congressos da III Internacional, possui 11 volumes documentados sobre sua preparação e funcionamento e mais 5 a serem publicados.³⁷ Nesse sentido, não só as resoluções, mas também os anais das sessões plenárias dos congressos foram traduzidos, com intenção de trazer, ao público ocidental de língua inglesa, a diversidade de debates dos primeiros anos da internacional comunista.

Considerações Finais

A Internacional Comunista ecoou pelo século XX e apesar das tentativas de seu desmonte, ela movimentou as organizações de contestação das desigualdades inerentes ao sistema capitalista pelo mundo no século XXI, seja no sentido das pautas colocadas em questão ou da formação de movimentos. Foi crucial para a queda dos últimos impérios monárquicos, da Áustria-Hungria até a China, como desdobramento dos processos revolucionários com o ápice da Revolução Francesa. Aparece na voz das insatisfações populares, desde as resistências cotidianas, os movimentos sociais, sindicatos, organizações, levantes, partidos e formas de governo comunistas, até a constituição de um bloco econômico na Guerra Fria.

A escrita, editoração e circulação da história de formação da IC, portanto, é também uma disputa econômica, política e cultural por uma memória a ser legitimada.³⁸ As disputas dentro da II Internacional pelo legado da AIT formaram as primeiras leituras resistentes a uma nova Internacional, dada a manutenção de estratégias e táticas associativistas de questões trabalhistas imediatas, sem intenção de tomada do poder político e econômico

³⁶ Ibid., p. 790.

³⁷ É possível encontrar informações sobre o projeto em: TABER, Mike. *Next Steps for Comintern Publication Project*. John Riddell. 2020. Disponível em: <https://johnriddell.com/2020/11/20/next-steps-for-comintern-publication-project/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

³⁸ De acordo com o que nos aponta LE GOFF, J. Documento/monumento. In: *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 462–549.

pelos trabalhadores, em que a implantação do socialismo se daria a longo prazo dentro do capitalismo, portanto, sem o horizonte de uma revolução imediata. Conforme os bolcheviques foram tornando possível a revolução e nova Internacional com os movimentos anti-guerra, as resistências vinham tanto da social-democracia, quanto dos mencheviques e dos velhos bolcheviques. Porém a onda revolucionária dos movimentos anti-imperialistas e das campanhas antiguerra, chamados também de maximalistas, tomaram força com a Revolução de Outubro e a Rússia se tornou o epicentro dos movimentos contestatórios não só da guerra como do capitalismo, com a formação de diversos grupos simpatizantes e seções do Partido Comunista em diversos países.

O anticomunismo, contudo, ganhou a literatura ocidental, sobretudo com a Guerra Fria, e a Internacional Comunista, vista apenas de maneira burocrática, aparece reduzida a um órgão da política externa da União Soviética. Traços da bolchevização dos órgãos da *Comintern* nos demais países ficaram em destaque, no encontro de uma narrativa que procurava focar nos traços autoritários e na desconstrução do movimento como um todo, diante de conjunturas cada vez mais neoliberais durante a segunda metade do século XX. Parte da história econômica e social, no entanto, parece ter migrado para um outro caminho, aquele dos movimentos sociais, ou seja, da participação popular na IC, com os movimentos maximalistas de oposição à guerra e conseqüentemente, anti-imperialistas; no encontro das estruturas sociais, da formação da consciência de classe e da proposição de uma revolução mundial.

Bayerlein e Agosti sugerem uma história cruzada, transnacional e comparada ao estudar a Internacional Comunista, na percepção das complexas forças envolvidas, desde as mais diversas disputas e urgências econômicas entre os setores da IC, sejam sessões dos outros países, órgãos intermediários ou o próprio Partido Comunista Russo, em uma conjuntura de tentativa de Revolução Mundial e guerra do ocidente capitalista contra movimentações comunistas. A historiografia sobre a formação da IC, diante dos aspectos abordados neste trabalho, parece estar ligada a uma encruzilhada principal de disputas pela memória: o anticomunismo dentro da própria tradição da AIT ou no Ocidente capitalista, ou ainda ligada às problemáticas de realização da Revolução Mundial e concomitantemente, de destruição do capitalismo.

Referências Bibliográficas

AGOSTI, A. Internacionalismo. In: *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1p. 642–648.

AGOSTI, A. O mundo da Terceira Internacional: os “estados-maiores”. In: HOBBSAWM, E. (Ed.). *História do Marxismo VI: Marxismo na época da Terceira Internacional – A Internacional Comunista de 1919 – As Frentes populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985a. v. VIp. 99–168.

- BAYERLEIN, B. H. *Arquivos do comunismo e perspectivas de pesquisa 25 anos após a “Revolução dos Arquivos”: Um balanço global*. Estudos Históricos, v. 29, n. 59, p. 787–812, 2016.
- GAIDO, DANIEL; QUIROGA, MANUEL; LUPARELLO, V. *História del Socialismo Internacional: ensayos marxistas*. Santiago: Ariadna Ediciones, 2020.
- BROUÉ, P. *História da Internacional Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007.
- GETZLER, I. Outubro de 1917: O debate marxista sobre a revolução na Rússia. In: HOBSBAWM, E. (Ed.). *História do Marxismo V: o marxismo na época da Terceira Internacional – a revolução de outubro o austromarxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. v. Vp. 25–74.
- GOLIN, T. Introdução aos anais do “Partido Mundial da Revolução”. In: *III Internacional Comunista: Manifestos, teses e resoluções do 10 Congresso*. São Paulo: Brasil Debates, 1988. v. 1.
- GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- HOBSBAWM, E. Apresentação. In: HOBSBAWM, E. (Ed.). *História do marxismo V: o marxismo na época da Terceira Internacional – a revolução de outubro o austromarxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. v. Vp. 15–23.
- JOHNSTONE, M. Internacionais. In: BOTTOMORE, T. (Ed.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. p. 311–316.
- LE GOFF, J. Documento/monumento. In: *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 462–549.
- LENINE, V. *Obras escolhidas de Lenine*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MELO, D. B. *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 17–52.
- NUNES, J. A. *Comunismo e antifascismo*. Tese (Doutorado em História)—Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2017.
- SEGRILLO, A. *Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens*. Projeto História (PUCSP), v. 41, n. 41, p. 63–92, dez. 2010.
- TABER, Mike. Next Steps for Comintern Publication Project. John Riddell. 2020. Disponível em: <https://johnriddell.com/2020/11/20/next-steps-for-comintern-publication-project/>. Acesso em: 10 jan. 2022
- TCHUBARIAN, A. O. *История Коммунистического Интернационала 1919-1943. Документальные Очерки* (História da Internacional Comunista 1919-1943. Ensaios documentais). Moscovo: [s.n.].
- VATLIN, ALEXANDER; SMITH, S. A. The Comintern. In: *The Oxford Handbook of The History of Communism*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 1–20.
- VATLIN, A. Коминтерн: первые десять лет (Comintern: os primeiros dez anos). Moscovo: [s.n.].
- VATLIN, A. Мировая революция и современное коминтерноведение (Revolução mundial e investigação contemporânea sobre o Comintern). In: Г. А. БОРДЮГОВА (Ed.). *Исторические Исследования в России*. Moscovo: [s.n.].
- VATLIN, A. Коминтерн: идея, решения, судьбы (Comintern: ideia, decisões, destinos). Moscovo: [s.n.].
- ZIZEK, S. De História e Consciência de Classe a Dialética do Esclarecimento, e volta. *Lua Nova*, n. 59, p. 159–176, 2003.